



editorial

A preparação da edição do mês vigente começa quando encerra a distribuição física da edição anterior. Primeiramente, o editor desopila o cansaço da distribuição física da edição anterior, toma um café sem açúcar e organiza os textos recebidos por email. Inicia-se a leitura, um texto a um, buscando avaliar os méritos literários, processo naturalmente subjetivo, e a variedade de “vozes”, para que o periódico não publique apenas crônicas de Rubem Braga ou tuítes da Anitta. Todo mês, o editor se pergunta sobre o motivo de autores mandarem links e não textos em PDF ou em Word.

São 24 páginas, sendo apenas 11 para textos inéditos, que, de fato, não precisam ser inéditos – as demais páginas são para conteúdos anteriormente programados, dos classificados à coluna do ombudsman. Tal processo de escolha ocorre, geralmente, do dia 10 de cada mês até o dia 25. Alguns textos chegam a ficar três meses na categoria Não Lidos do Gmail por inabilidade logística do editor. Sobram, para o finzinho do mês, a prestação de contas, a atualização do gráfico de distribuição de Bolívar Escobar e a pedrada do ombudsman, além das colunas de Felipe Gollnick, de Gutemberg Medeiros, de Daniel Osiecki e de Ben-Hur Demeneck. O editorial também. Às vezes, até as páginas centrais, comandadas pelo editor-assistente Mateus Ribereite, que também opina em editoriais. Antes de ser importunada por editor e revisor, Marceli Mengarda, projetista gráfica, define qual será o artista visual da edição. Do dia 26 a 29, Mateus Senna supostamente revisa o jornal no drive do Gmail, enquanto o editor imprime as etiquetas dos assinantes e dos pontos de distribuição. São quase 700 etiquetas. É preciso conferir se há envelopes suficientes e comprar fita adesiva.

Nos últimos dois dias do mês, Miss Mengarda diagrama todas as páginas e submete o PDF para a revisão final, que deveria ter poucos apontamentos se este fosse um JORNAL SÉRIO. Após o acerto dos últimos detalhes, o PDF, de 20 a 30 mega, é encaminhado para a gráfica, que imprime o jornal apenas se estivermos em dia com a edição anterior – muitas vezes, o pagamento para a liberação da impressão da edição do mês é feito no último dia, quase no fim do expediente do financeiro.

O jornal é impresso em Almirante Tamandaré, região metropolitana de Curitiba, entre 22h e 6h, em dias úteis da semana. O editor e Thaís Alessandra Tavares, responsável pela logística das entregas em Curitiba e região, saem de Araucária, dirigem por volta de 50 minutos pela BR-277, chegam na gráfica, recolhem 20 fardos de 250 exemplares cada e logo começam a distribuição em Curitiba, da região Norte para o Sul. São entregues jornais em aproximadamente 70 lugares, durante quatro horas, em uma Curitiba geralmente silenciosa e de radares escondidos (8 multas em 2017). Os jornais são entregues para porteiros ou colocados embaixo das portas de entrada dos estabelecimentos. Campo Largo também recebe os exemplares na madrugada, quando já está quase amanhecendo. Araucária, no início da manhã. Chegamos da distribuição do primeiro dia por volta das sete horas. Após dormirmos quatro horas, voltamos para Curitiba, em busca dos pontos faltantes da madrugada, geralmente universidades e bibliotecas, e para a cobrança de alguns assinantes e anunciantes. No percurso, começamos a empacotar os malotes dos assinantes para postagem na agência dos Correios da

Avenida Visconde de Guarapuava. São aproximadamente três horas embalando jornal e colando fita adesiva. Se temos dinheiro na conta, passamos todos os exemplares no caixa. Se temos pouco, primeiro os assinantes nacionais, depois os estaduais, por fim os locais, que, na verdade, são entregues em outro sistema, por motoboy ou por entrega direta do editor, de carro. Os malotes maiores, que vão para pontos culturais de mais de 50 cidades do Brasil, ficam para a manhã seguinte.

Três dias de entregas depois, com o jornal também chegando em Contenda e em São José dos Pinhais, o PDF original é disponibilizado nas redes sociais e começam as cobranças dos assinantes que vencem no mês vigente. Felipe Gollnick, responsável pelas mídias digitais, espalha o PDF na rede mundial de computadores e repassa à casa os tais feedbacks de leitores. A partir de likes mais carinhosos e de compartilhamentos, a assinatura é oferecida pelo editor para alguns leitores que não achem um absurdo pagar 50 reais para receber jornal de papel em casa. 70% das pessoas contatadas não respondem. Ali pelo dia 10, o editor começa as leituras dos textos da próxima edição.

Uma boa leitura a todos.

disso de dinheiro

ENTRADAS

Assinantes: R\$ 150 Mitsuo Florentino; R\$ 100 Marisa Abrantes Boroni Valerio; R\$ 60 Dinovaldo Gilioli; R\$ 50 Delma Andrade; Dani Meriko; Fernando Favero; Luigi Ricciardi; José Carlos Fernandes; Maria Barbieri; Laercio Silva; Paloma Amorim; Sérgio Pitaki; Átila De Almeida Ribeiro; Alexandra Vieira de Almeida; Alaor Ignácio dos Santos Júnior; Greicy Bellin; Jonas Rocha Lima; Marcelo Giovanni Nogueira; Wanderson Batista dos Santos; Rafaela Sinderski; Sara Muniz; Edilson Pereira dos Santos; Lighia Fernandes; Phellip Gruber; Camila Garcia; Joana Palha; Marcelo Wilinski; Andréa Mascarenhas; Elisa Ponciano; Leonardo Schenato Barroso; Gustavo Henrique Vidal; José Maschio; Suelen Carvalho; Ana Carolina Passos; Venúcia Canalli; Daniela Athuil Galvão Sousa; Luiz Taques; Juliana Victoria Pereira; Beatriz Menezes Amaro; Lyn Januzzi; José Eduardo S. Gonçalves; Adriano Esturilho; Valdinar Monteiro de Souza; Júnior Bellé; Alessandro Romio; Eduarda Bitencourt de Oliveira; Carlos Kahê; Grasiela Frago da Costa; Marcel Fernandes; Juliana Ferreira Dos Santos; Lorena Cunha; Tchello D’Barros (total: R\$ 2.750)

Anunciantes: R\$ 200 Carlos Pessoa Rosa; R\$ 100 Editora Penalux; Editora Madrepérola; R\$ 50 Torto Bar; Fisk; Editora Joaquim Maria; Ehlkefarma (total: R\$ 600)

SAÍDAS

Gráfica: R\$ 1.260 / Distribuição: R\$ 450
Assinantes: R\$ 1200 / Papelaria: R\$ 110
HD externo: R\$ 250 / Redes ditas sociais: R\$ 60

Custos totais: R\$ 3.230 / Receita total: R\$ 3.350

Balanco de novembro de 2017: R\$ 120

EDITOR: DANIEL ZANELLA
EDITOR-ASSISTENTE: MATEUS RIBEIRETE
OMBUDESMAN: RICARDO LÍSIAS
REVISÃO: MATEUS SENNA
PROJETO GRÁFICO: MARCELI MENGARDA
LOGÍSTICA: THAÍS ALESSANDRA TAVARES
REDES SOCIAIS: FELIPE GOLLNICK
ADVOGADO: BRUNO MEIRINHO OAB/PR 48.641
IMPRESSÃO: GRÁFICA EXCEUNI
TIRAGEM: 4.500
EDIÇÃO FINALIZADA EM 30/11/2017

imagens dessa edição

A ilustração na capa desta edição foi feita por Marcelo de Angelis.

assine/anuncie

Somos um impresso sem fins lucrativos que sobrevive apenas por dois meios: assinantes e anunciantes. Fale conosco no contato@jornalrelevo.com e combine de receber o jornal mais aleatório do Brasil em casa ou divulgue seu trabalho, sua marca, seus projetos culturais.

publique

O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** abarca projetos acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas, ameaças inbox. Mande seu material para contato@jornalrelevo.com.

PEDRA NO OMBUDSMAN

Vivian Morata Eu já fui assinante, mas, sinceramente, não gostei de alguns arranjos editoriais que vocês fizeram, então, não renovei a assinatura. Foi, na verdade, quando o jornal passou a ter um ombudsman e começou a publicar “piadinhas” nas páginas centrais.

Do editor: Pedimos desculpas pela perda de seriedade de uns tempos para cá.

Valter Bitencourt Júnior A análise feita pelo Ricardo Lísias, em “Heroísmo”, em setembro, é perfeita. Até porque, por mais que estejamos numa era digital, o jornal impresso, assim como o livro impresso (mesmo existindo o e-book) sempre será importante, e nunca ficará de lado. Nada melhor do que poder tatear os papéis, assim como sentir a fragrância, ler as palavras e senti-las. O **RelevO**, neste sentido, vem sendo o “herói”, vem salvando este modelo de fazer jornal (o jornal impresso), dando a oportunidade do leitor de opinar, de colocar a sua visão crítica sobre o jornal. É o jornal, de fato, se aproximando dos seus leitores e se aperfeiçoando cada vez mais!

Matias Sennia Gosto dos textos do atual ombudsman, mas acredito que, no mês em que foram publicadas os textos das tretas literárias, ele não entendeu que os textos eram reais, não de ficção.

COMUNIDADE LITERÁRIA

Lizziane Azevedo Adoro tudo o que é relacionado ao livro e à leitura, mas percebo, como editora que já fui de uma revista literária impressa, aqui na Paraíba, que há mais gente interessada em publicar do que em assinar e em colaborar com a manutenção de revistas e jornais literários. E, além disso, há a concorrência de alguns veículos literários virtuais e gratuitos. Pessoalmente, acho muito boa a ideia de assinar um jornal impresso como o **RelevO**.

PATISSA NO RELEVO

Helder Da Paixão Epomba Parabéns, Gociante Patissa, pela publicação, pelo sucesso e pelo bom nome de Moçambique que tens estado a produzir lá fora.

CAPITALISMO SELVAGEM

Faustino Rodrigues Salve, salve. Ontem recebi o **RelevO**. Obrigado. Vi logo de cara que vocês fazem uma prestação de contas. Fiquei tocado com o lucro de 100 reais. Recentemente, vi em matéria de editoria de economia (????) em um conceituado jornal brasileiro que se você fizer um investimento inicial de 10 mil reais em uma caderneta de poupança, guardando justamente 100 reais mensalmente, ao final de 45 anos você terá o seu primeiro milhão de reais. E isso me deixou impressionado, pois eu jurava que vocês elaboravam este jornal por amor à arte. Na verdade, o projeto de vocês é o de serem milionários. Francamente... Brincadeiras à parte, gostei muito do que vi. Ainda não o li todo, mas, certamente, lerei. Mas, passando os olhos, fiquei admirado. A minha agradável surpresa foi a de encontrar uma grandessíssima amiga, praticamente da família, Helena Ortiz, na carta dos leitores. E, posso te garantir, receber um elogio dela,

em minha opinião, uma grande escritora, não é pouca coisa. Grande abraço e vamos nos falando. E parabéns a todos vocês pela iniciativa. Valeu demais.

QUE BELEZA!

Airton Souza Lindo jornal. Linda iniciativa. Parabéns! E que lindo ver a poesia do querido Demétrios Galvão na edição de outubro. Esse jornal é lindão demais e ser publicado por ele dever só máximo.

BOA SEMENTE

Mercília Rodrigues Parabéns pelo trabalho. Por ser boa semente, vingou!

Moni Pinheiro Primeira vez que leio o jornal: ri demais com o Wiki, anotei as referências de Úrsula e, com “The Message, Vida Loka”, dei nome ao nome à música do grupo americano que não sabia o nome.

Francine Ramos Recebi quatro edições do **RelevO** e gostei muito do conteúdo. É um caminho contraditório lançar um jornal literário, pois sabemos da força dos sites/blogs e redes sociais no cenário atual, porém, é algo tão maravilhosamente subversivo! Vida longa ao periódico!

Ericke Nobre Acho incrível a resistência de jornais impressos, ainda mais um desse gênero!

ROBERTO CARLOS

Flávia Schiochet Vale a pena atrasar o pagamento das assinaturas só pelas mensagens de cobrança do editor.

TRÉPLICA

Lis Claudia Ferreira Não sei se pode responder o leitor das cartas do leitor, mas há que se tentar. Na edição de novembro, o leitor Wilson Júnior questiona por que iria assinar o **RelevO** se é possível encontrar o jornal de graça em todo canto. Gostei da resposta – algo na linha de “é nosso jeitinho” – porém, como assinante, acrescento que tá tudo bem, Wilson. A gente continua investindo na existência desse periódico maravilhoso para que você (e outros) o leiam de graça. Porque resistir é isso. É aceitar que, muitas vezes, você investe no bem do outro sabendo que isso volta em forma de algum benefício. Nesse caso, pessoas que leem textos de qualidade e não essa ladainha lobotomizadora que se vê na internet. Acredito que não seja de bom tom publicar, mas como fiquei um pouco ofendida, quis dizer ao Jornal o que um assinante pensa. Abraços.

Felipe Pauluk Este jornal é lindo.

Henrique Pitt Kraioo! A Wiki de novembro valeu, para tod@s assinantes, por todas as vezes que algum texto meu foi publicado. Demais!

Da redação: Valeu, Henrique Pitt, por nos acompanhar e nos prestigiar, até quando estamos na zona do rebaixamento. Abraços!

Henrique Pitt Jornal, esse lance de rebaixamento é ideia burguesa. Por exemplo, há um século, Torres Garcia já nos ensinava que é só inverter o mapa e curtir tranquilamente a exploração de terras hostis que ninguém quer colonizar. E se o papo for dentro das quatro linhas, havia até pouco tempo, no Brasil,

uma dúvida: se time grande cai ou não. O Inter, como clube do povo, sanou a parada, e agora tod@s sabem que cai. Mas levanta!

Marisa Abrantes Boroni Valerio Emoção de segunda-feira: receber pelos Correios o jornal literário **RelevO**, de quem agora sou assinante. Que sempre haja editores, que sempre haja literatura, que sempre haja papel!

CORREIOS PREJUDICANDO O ROLÊ

Anna Vilma Costa Martins Até em Florianópolis estão lendo e eu aqui, em Curitiba, só esperando!

Dulcineia Mst Um dia recebo, tenho fé!

Leal Kostav Recebi o meu exemplar de outubro já quase em novembro.

Da redação: Meu caro e minhas caras, juramos que o nosso coração sempre sente uma pontada forte quando o jornal demora pra chegar.

Flavio Caamaña Maravilha! Os jornais meus chegaram semana passada. Páginas luminosas!

BRASIL QUE DÁ CERTO

Lis Claudia Ferreira Que outro jornal publica suas conversas telefônicas com o editor? Assinem essa maravilha em forma de papel (vulgo **RelevO**). O mundo tá foda e você merece receber literatura de qualidade em casa!

IO MOTIVOS PARA LER O RELEVO

Mateus Senna 11. A revisão é impecável

Da redação: Concordamos com a afirmação em uma e outra edição.

Leonardo Mathias Gente, assina aí, é mt baum!

EM PORTUGALE

Nuno Miguel Morais O correio ontem trouxe um presente lindo para mim, o magnífico jornal literário **RelevO**. Se não conhecem, espreitem a página do projecto aqui no Facebook ou falem com o editor, pois é um jornal absolutamente soberbo. Quando o homem sonha a obra nasce.

Isabel Miguel Também recebi e gostei muito.

Nuno Miguel Morais Quando acabei de ler fiquei a pensar porque é que em Portugal ninguém faz coisas assim tão boas.

Isabel Miguel Pensei o mesmo – e ainda nem acabei. Só as capas, dão gosto, não é?

Nuno Miguel Morais Graficamente, é uma delícia, tem textos magníficos, enfim, adorei mesmo.

Pedro Belo Clara Louvo os esforços de projectos como o **RelevO**, especialmente quando se tratam de iniciativas que apresentam publicações em papel (quase apetece dizer: como é suposto), pois tenho-os como uns autênticos heróis dado o panorama actual, agravado pelo facto de gradualmente se irem abandonando os meios de outrora. Recebam os meus sinceros votos de inúmeros sucessos e felicidades para o valorosíssimo projecto. Tudo de bom!

MELHOR DO BRAZIL-ZIL!

Sara Muniz Primeira edição que recebo da assinatura e já estou apaixonada. Melhor jornal literário do Brasil.

Pegue seu RelevO aqui



Porto Alegre
Livraria Traça

Bento Gonçalves
Dom Quixote Livraria & Cafeteria

Santa Cruz do Sul
Casa das Artes Regina Simonis

Florianópolis
UFSC
Livraria Livros & Livros
CIC (Centro Integrado de Cultura)

Itajaí
Univali
Joinville
Univille

João Pessoa
A Bodega Arte Café

Salvador
Livraria
Boto-Cor-de-Rosa

Brasília
Sebino Livraria
Café e Bistrô

Teresina
Casa da Cultura
Café da Gota Serena
Espaço Artístico e
Galeria Sobrado
Espaço Galpão

Juiz de Fora
FLUX
Espaço Excalibur

Curitiba
Agendarte
+ 70 outros lugares!

Araucária
Arquivo Histórico
Municipal
+ 30 outros lugares!

Lapa
Panificadora Zeni
Mundo da Leitura
Livraria & Papelaria
Nanise
Posto de Informações
Turísticas

Castro
Espaço Cultural Casa
da Praça
Casa da Cultura Emilia
Erichsen

Campo Largo
Casa da Cultura
Inspirarte Centro
Cultural
Museu Municipal
Sebo Só Ler

São José dos Pinhais
SESI São José dos Pinhais

Palmeira
Secretaria de Esporte
e Cultura

Guarapuava
Gato Preto - Discos &
Livros

Teixeira Soares
Departamento de
Cultura, Turismo e
Patrimônio Histórico
Escola Municipal
Madre Rosa Rosato

Ponta Grossa
UEPG - Jornalismo e
Letras
Bar do Didião
Bar Romanov
Boteking
Verbo Livraria (1 e 2)
Sebo Espaço Cultural

Contenda
Escola Municipal
Vanilda Dzierwa
Panificadora Gaspar
Panificadora Schinda
Prefeitura Municipal

Londrina
UEL
Colônia Witmarsum
Supermercado Eurich
Restaurante Leão de
Judá

Belém
Livraria Fox

São Luís
Livraria Poeme-se
Sebo do Arteiro

Rio de Janeiro
Arlequim
Casa do Choro
Letra Viva Filial
Livraria Berinjela
Livraria e Edições
Folha Seca
Livraria Instante do
Leitor

São Paulo
Banca Tatui
Casa das Rosas
Casa Guilherme de
Almeida
Comix
Escola Macunaima
de Teatro
Faculdade Sumaré
- Letras
Intermeios Casa de
Arte & Livros
IMS
Patuscada Bar
PUC - Sumaré
Sesc Pompéia
Teatro São Pedro
UGRA PRESS

Araraquara
Casa da Cultura
Palacete das Rosas

Projeto RelevO - Adote Uma Biblioteca

Bibliotecas do Paraná:

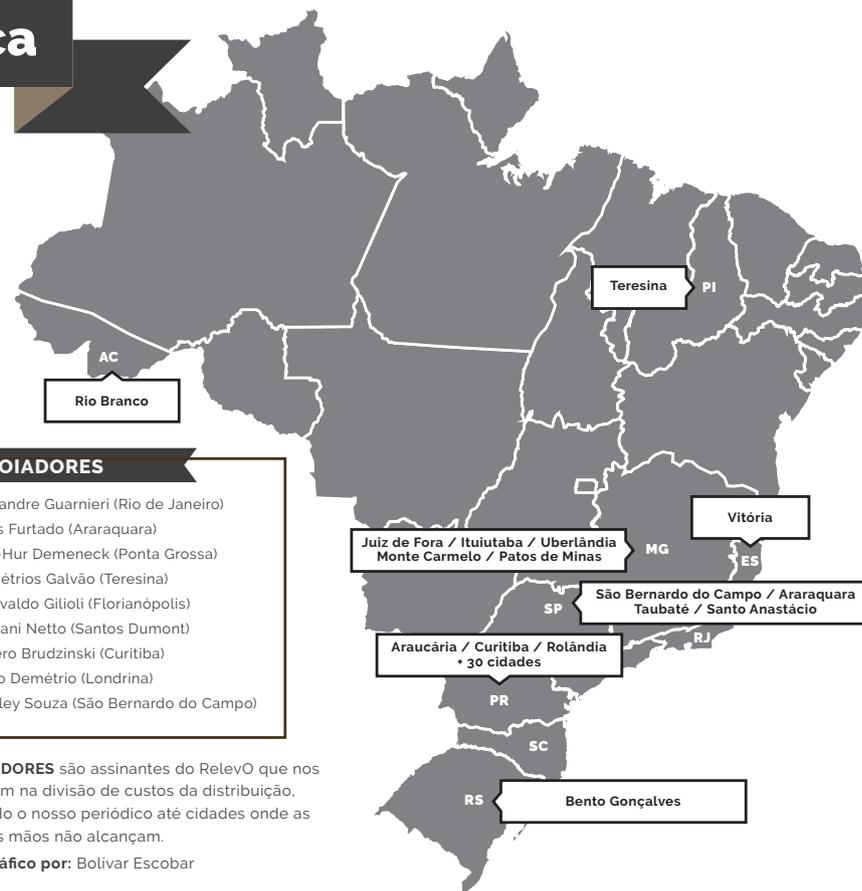
Castro: Biblioteca Cidadã Professora Nelsi Kugler
Ponta Grossa: Biblioteca Municipal Professor Bruno Enei
Contenda: Biblioteca Pública Municipal
Teixeira Soares: Biblioteca Municipal Cidadã de Teixeira Soares
Campo Largo: Biblioteca Municipal de Campo Largo
Palmeira: Biblioteca Municipal Moisés Marcondes
Araucária: Biblioteca Pública Emiliano Pernetta e Casa das Palavras Brincantes
Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná, Biblioteca do Paço, Biblioteca da UniAndrade, Biblioteca da Universidade Tuiuti, Biblioteca de Ciências Humanas da UFPR, Biblioteca da SEPT, Biblioteca da UTFPR, Bondinho da Leitura, Casa da Leitura Augusto Stresser, Casa da Leitura Dario Vellozo, Casa da Leitura Hilda Hilst, Casa da Leitura Jamil Snege, Casa da Leitura Laura Santos, Casa da Leitura Manoel Carlos Karam, Casa da Leitura Marcos Prado, Casa da Leitura Maria Nicolas, Casa da Leitura Miguel de Cervantes, Casa da Leitura Nair de Macedo, Casa da Leitura Osman Lins, Casa da Leitura Paulo Leminski, Casa da Leitura Vladimir Kozák, Casa da Leitura Walmar Marcellino, Casa da Leitura Wilson Bueno, Casa da Leitura Wilson Martins, Gerência Fatois do Saber, Farol do Saber São Pedro e São Paulo, Farol das Cidades, Farol do Saber Antônio Machado, Farol do Saber Aristides Vinholes R., Farol do Saber Frei

Miguel Bottacin, Farol do Saber Emilio de Menezes, Farol do Saber Tom Jobim, Farol do Saber Aparecido Quinaglia, Farol do Saber Machado de Assis, Biblioteca do Bosque Alemão, Biblioteca Hideo Hamada, Farol do Saber Gibran Khalil Gibran, Gibiteca Alceu Chichorro, Gibiteca Jardim Pinheiros, Biblioteca do Colégio da Polícia Militar do Paraná, Biblioteca da UP.
Rio Branco do Sul: Colégio Manoel Borges de Macedo-Biblioteca
Rolândia: Biblioteca Rui Barbosa, Biblioteca Cidadã Michael Traumam, Biblioteca Sesi Indústria do Conhecimento, Biblioteca Professor José Antônio Gorla, Biblioteca Professor Eduardo Kasperski
Doutor Camargo: Biblioteca Cidadã Professora Eliza Regina Castanheira de Santana
Maringá: Biblioteca Prof. Bento Munhoz da Rocha Netto, Gerência do Livro, Leitura e Literatura de Maringá
Nova Fátima: Biblioteca Cidadã de Nova Fátima
Ourizona: Biblioteca Cidadã Profª Ivete Aparecida Zaninelo Bosen
Campo Mourão: Biblioteca Indústria do Conhecimento
Lobato: Biblioteca Municipal Castro Alves
Pato Branco: Biblioteca Municipal de Pato Branco, Biblioteca Municipal Professora Helena Braun
Maripá: Biblioteca Pública Cidadã Prof. Martene Alenbrant

Cambé: Biblioteca Pública de Cambé
Toledo: Biblioteca Pública Municipal de Toledo
Tibagi: Biblioteca Pública Municipal Historiador Luiz Leopoldo Mercer
Cantagalo: Biblioteca Pública Municipal Valdemiro José Bona
Pinhais: Biblioteca Pública de Pinhais
Arapongas: Biblioteca Pública Municipal Machado de Assis
Piên: Biblioteca Pública Municipal de Piên
Terra Boa: Biblioteca Cidadã de Terra Boa
Marechal Cândido Rondon: Biblioteca Cidadã Alice Weirich
Cascavel: Biblioteca Pública Sandálio dos Santos
Santa Mariana: Biblioteca Pública de Santa Mariana
Cruzeiro do Sul: Espaço Cultural Prefeito Tomoyuki Harada A/V/C

Pelo Brasil afora:

Bento Gonçalves: Biblioteca Pública Castro Alves
Teresina: Biblioteca Cromowet de Carvalho
Juiz de Fora: Biblioteca pública Murilo Mendes
São Bernardo do Campo: Biblioteca de Arte Ilva Aceto Maranesi, Biblioteca Guimarães Rosa, Biblioteca Manuel Bandeira, Biblioteca Monteiro Lobato
Araraquara: Biblioteca da Unesp, Biblioteca da Chácara Sapucaia e Biblioteca Pública Municipal
Rio Branco: Biblioteca Estadual do Acre
Uberlândia: UFU - Sistema de Bibliotecas, UFU - Biblioteca Central Santa Mônica, UFU - Biblioteca Setorial Umuarama, UFU - Biblioteca Setorial Educação Física, UFU - Biblioteca Setorial Educação Básica, UFU - Biblioteca Setorial Hospital de Clínicas
Ituiutaba: UFU - Biblioteca Setorial Ituiutaba
Monte Carmelo: UFU - Biblioteca Setorial Monte Carmelo
Patos de Minas: UFU - Biblioteca Setorial Patos de Minas
Taubaté-SP: Coordenadoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de Taubaté
Santo Anastácio-SP: Diretoria de Ensino de Santo Anastácio
Vitória-ES: Biblioteca Pública do Espírito Santo



APOIADORES

Alexandre Guarnieri (Rio de Janeiro)
Assis Furtado (Araraquara)
Ben-Hur Demeneck (Ponta Grossa)
Demétrios Galvão (Teresina)
Dinovaldo Gilioli (Florianópolis)
Joseani Netto (Santos Dumont)
Severo Brudzinski (Curitiba)
Silvio Demétrio (Londrina)
Wesley Souza (São Bernardo do Campo)

APOIADORES são assinantes do RelevO que nos auxiliam na divisão de custos da distribuição, levando o nosso periódico até cidades onde as nossas mãos não alcançam.

Infográfico por: Bolívar Escobar

QUER DISTRIBUIR O RELEVO?
ESCREVA PARA CONTATO@JORNALRELEVO.COM

Confira a lista completa de pontos de distribuição em www.jornalrelevo.tumblr.com

Confusão

Devo confessar que fiquei paralisado diante do editorial do último número do **RelevO**. A edição de novembro trouxe um conjunto de textos enfiados sob um tema: a negritude, para usar um termo da própria apresentação dos editores. Edições temáticas podem ser interessantes também para contornar a fugacidade que, por definição, atinge os jornais. Um pesquisador irá procurá-lo daqui alguns anos. Os estudantes podem, desde já, usar a edição como fonte e matéria de informação. Os leitores, enfim, acabamos mais bem embasados se o tema nos interessar. Periódicos temáticos sempre me agradaram muito – por isso, aliás, lamento tanto o fim da circulação da revista *Granta* no Brasil.

Achei que na desnecessária intenção de se justificar, o editorial acabou se confundindo todo e lançando argumentos para lá de ultrapassados. O primeiro parágrafo, por exemplo, fala da tal “qualidade literária”. Ela não existe. O que se conhece por “cânone” é basicamente a imposição de grupos que, por ocupar espaços revestidos de poder para tanto, determinam critérios que incluem alguns textos e excluem outros. Trata-se de uma operação de violência.

A citação de Campos de Carvalho veio bem a calhar: há algo de nonsense em dizer que “a derrota é certa”. Eu não acho. A edição está ótima, mas tem um editorial muito defensivo. As pessoas que digam o que quiserem. Se os editores admitem que

fazer a seleção para o jornal é um ato crítico, criar argumentos para classificar a qualidade dos textos dele também é. Nós e os outros temos todo o direito de sermos igualmente críticos.

Já a citação de Machado de Assis me pareceu quase uma esperteza. Lançar mão do nosso maior escritor é um lance de segurança. Eu discordo do que ele diz: não acho que seja possível existir uma consciência “tão pura e tão alta, que não sofra a ação das circunstâncias externas”. Quanto a Henry James, fico com um meio termo. Penso, como ele, que qualquer experiência nunca é completa. Meu texto não vai dizer tudo o que eu quero, então ele será sempre limitado, ao contrário do que ele diz depois.

O editorial derrapa mesmo no final, quando diz que acredita ter ultrapassado o “arvoredo ideológico”. É o contrário. Se houve um ato crítico para a seleção de um tema, a única coisa que se impôs foi uma ideologia. Não há problema nenhum nisso e não poderia ser diferente. A ideologia não “priva o olhar de maior pujança crítica”, mas sim o torna menos cínico: até hoje quase que só homens brancos tiveram a possibilidade de ver seus textos medianos e chapabrancos serem publicados e, muitas vezes, considerados bem melhores do que são. No Brasil contemporâneo, é batata, como diz meu vizinho. Se desde o início tivesse ficado claro que não há nada nisso que não seja ideologia, quem sabe essa violência tivesse sido ao menos controlada um pouco.

De resto, a edição ficou excelente.



LIVROS | VINIS
JOAQUIM LIVRARIA & SEBO
 RUA ALFREDO BUFREN, 51 CENTRO | CURITIBA, PR

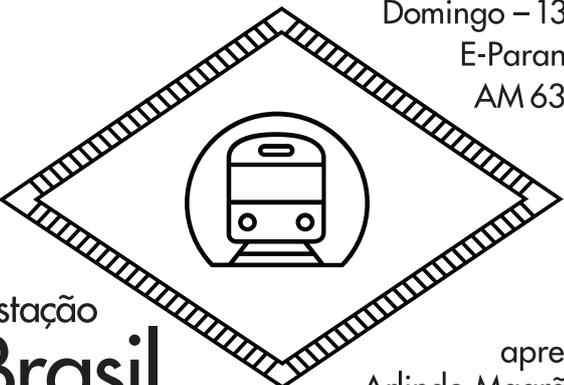
INFO@JOAQUIMLIVRARIA.COM.BR JOAQUIMLIVRARIA.WORDPRESS.COM FB.COM/JOAQUIMLIVRARIA

FISK
 CENTRO DE ENSINO
 3642-3690 3031-7040
 R. JOÃO PESSOA, 35 - ARAUCÁRIA/PR

DEFENESTRANDO.COM



TOGURDS
 F D A C V M Z
 J W R T L E B Q
 U P O L T R A
 TODALETRA.COM.BR



Domingo - 13h
 E-Paraná
 AM 630

Estação
Brasil

apres.
 Arlindo Magrão

**SUB
 VERSA**



| literatura luso-brasileira |
 ISSN 2359-5817

ADVOCACIA
 CONSUMIDOR - CÍVEL - FAMÍLIA
 CONTRATOS - TRABALHISTA

Bruno César Deschamps Meirinho
 OAB/PR 48.641

RUA JOSÉ BONIFÁCIO, 135, 2º ANDAR, LARGO DA ORDEM,
 SÃO FRANCISCO, CURITIBA-PR
 (41) 3564 7194 (41) 984 405 050



ALLEJO.COM.BR

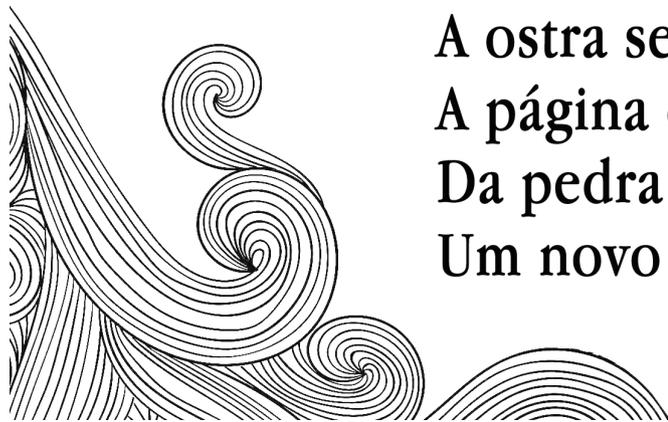


5 anos
 25 de julho. Desde 2012
 publicando bons livros

Penalux
 facebook/penaluxeditora
 + de 25 mil curtidas

Envio de originais:
 originais@editorapenalux.com.br

Chegamos ao quinto ano de atividades com quase 500 títulos no catálogo, reunindo autores de todas as regiões do país, com abrangência em diversos temas, estilos e gêneros. Publicamos contos, crônicas, poesia, romance, acadêmicos, traduções de clássicos e também literatura estrangeira contemporânea.



A ostra se abre
A página de um livro se vira
Da pedra bruta
Um novo autor se lapida



MADREPÉROLA
E D I T O R A

ENVIE SEU ORIGINAL:
WWW.EDITORAMADREPEROLA.COM
FONE: (43) 3351-8003



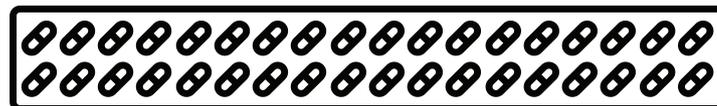
 **revistagueto.com**

REVISTA GUETO | GUETO EDITORIAL

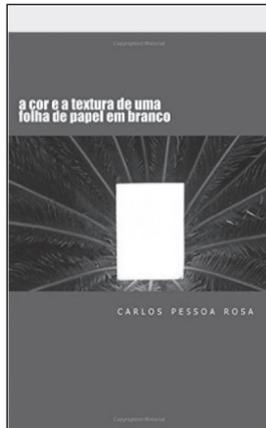
somos um portal de literatura em língua portuguesa
somos também um selo independente que publica e-books de poesia e prosa

contato | editorgueto@gmail.com

Farmácia
Ehlkefarma



PRAÇA VICENTE MACHADO, 188, CENTRO
ARAUCÁRIA-PR (41) 3642-1128

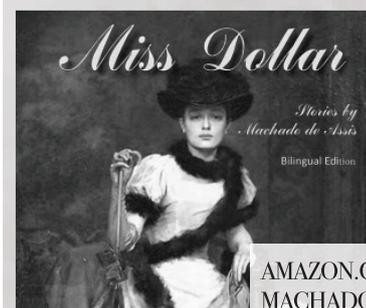


A cor e a textura de uma folha em branco é o livro de contos de Carlos Pessoa Rosa, premiado pela UBE/CEPE, em 1998. O autor é médico-escritor, poeta, contista, ensaísta, considerado entre os 20 melhores contistas pela Rádio Francesa Internacional. Publicou também "Sobre o nome dado", "Histórias que o povo conta, mas de seu jeito de contar" pelo Coletivo Dulcinéia Catadora, de São Paulo, e "Una Casa Bien Abierta", texto infantil, pela pequeno editor, de Buenos Aires. Tem trabalhos publicados em várias revistas literárias e coletâneas.

Para adquirir o livro: www.amazon.com

Miss Dollar

STORIES BY
MACHADO DE ASSIS



Traduzido por
Greicy Pinto Bellin
e Ana-Lessa Schmidt

Adquira o seu
exemplar em:

AMAZON.COM/MISS-DOLLAR-STORIES-MACHADO-BILINGUAL/DP/0996674748



*A Revolução está
apenas começando.*

Rádio Cultura
CURITIBA 930KHZ



cultura930.com.br

Cultura

No seu Dial | AM 930
No Aplicativo
No Site

WhatsApp (41) 98 5050 930
Anuncie na Cultura (41) 3013-3280

Maidan conversa com Marcelo D’Saete sobre suas ilustrações para *O Carro do Êxito*, livro de contos de Oswaldo de Camargo (1936-). Não quer dizer que se ignora o estardalhaço cultural causado por D’Saete ao lançar *Angola Janga* (Veneta, 2017) enquanto esta entrevista era finalizada. O quadrinista concedeu entrevista de três minutos no programa Metrópolis (TV Cultura, 22/11) e ganhou capa e página inteira no Caderno 2 do Estado de S. Paulo (25/11).

Contudo, a reedição feita pela editora Córrego em 2016 recolocou em circulação uma joia da autoficção. Termo criado depois da primeira publicação da obra, em 1972, serve para qualificar a “perspectiva da experiência negra em primeira pessoa” de quem é um “observador arguto da vida na cidade, sobretudo na memória das associações político-culturais negras”, como escreve Vinebaldo de Souza Filho no prefácio. Enquanto não vamos ao encontro de *Angola Janga*, tomemos o rumo de um Oswaldo de Camargo clássico.

Quando você tomou contato com Oswaldo de Camargo? Como fez para ilustrar a reedição de *O Carro do Êxito*?

Há cerca de uma década, conheci o trabalho de crítica do Oswaldo de Camargo pela obra *O negro escrito* (Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1987). Depois, tive contato com seus textos ficcionais. Gostei muito. É uma visão sobre história e cultura negra em meados do século 20, que ainda precisamos aprofundar. Minha escolha para a reedição de *O Carro do Êxito* (Córrego, 2016) é um desdobramento do meu trabalho com quadrinhos e ilustração. Optei por ilustrações em preto e branco, construindo imagens a partir do fundo preto, usando traço branco.

Como criou ilustrações como aquela anterior ao conto “Civilização”?

O texto do Oswaldo é rico em sugestões. Apenas precisei escolher bem quais delas dariam bons resultados em ilustração. No conto, a relação de admiração do personagem diante de uma mulher me chamou atenção. Era uma reação inacessível, um contato platônico. Tentei transportar essa ideia para a obra. Imagino que um ilustrador deve travar um diálogo com o texto, explorando as suas possibilidades e ampliando as suas sugestões.

Qual é o impacto da (re)leitura de *O Carro do Êxito*?

O Carro do Êxito me permitiu um contato profundo com a obra do Oswaldo. A reedição foi uma oportunidade única de ler, reler e contribuir para a obra de um escritor ímpar. Considero essas narrativas muito valiosas para compreender a história de indivíduos negros em meados do século 20, enquanto trafegam por diversas situações sociais. O conto “Cadê o oboé, menino? Toca aí o oboé!”, sobre o jovem músico, é exemplar. Ele traz também elementos diretos da vida do autor.

Um Oswaldo de Camargo ilustrado



O protagonista de *Civilização* possui um livrinho de versos chamado *Um homem tenta ser anjo*. O conto se encerra jogando com o duplo sentido de colônia – “Um odor áspero, de colônia, me envolve, como nuvens de *Civilização*”.



O Carro do Êxito hoje pode ser entendido como autoficção, embora tenha sido publicado antes de o termo ser cunhado na França em 1977. A história e a imaginação do autor se fundem em seus contos.

Trecho de 'Gogmagog! Morris Cox e Sua Gogmagog Press, Lote 42, 2017.

Gustavo Piqueira

Entre 1957 e 1983, a Gogmagog Press de Morris Cox publicou trinta e cinco livros. Trinta e cinco livros que Cox escreveu. Ilustrou. E diagramou. Trinta e cinco livros que ele mesmo imprimiu sozinho, utilizando máquinas construídas por ele. Trinta e cinco livros que também encadernou, um a um.

Nascido em 1903, o inglês Morris Cox recebeu, quando jovem, seis anos de formação em gravura, desenho, pintura e literatura inglesa na West Ham School of Art. Durante as décadas de 1920 e 1930, executou trabalhos pontuais para agências de publicidade, algumas capas de livro e publicações infantis. Pelo breve período de um ano, montou uma pequena loja próxima à estação de Holborn, onde vendia — ou melhor, onde tentava vender — apenas obras criadas por ele próprio, de desenhos a esculturas. Nada, em resumo, minimamente promissor.

Buscou, também, publicar sua produção literária. Textos como *March Demon*, “antinovela” escrita em 1938, composta por palavras e frases recortadas de oito livros vitorianos de conteúdo edificante, voltados às crianças. A obra foi rejeitada pela Faber & Faber, que, na carta de recusa enviada a Cox, argumenta: “o leitor fica exausto após algumas poucas páginas” [...] “não vislumbramos mercado para o livro”. O que não seria nada demais, não fosse pelo fato da mesma editora ter publicado, pouco depois, *Finnegans Wake*.

O desanimador panorama persistiu até o início dos anos 1950, quando alguns textos de sua autoria saíram na revista *World Review*, e uma coletânea de seus poemas, *The Whirligig*, foi publicada. Parecia que, finalmente, a sorte de Morris Cox iria virar.

Parecia. A *World Review* foi cancelada, *The Whirligig*, um solene fracasso, e as coisas logo voltaram à estaca zero. Assim, em 1957, aos 54 anos, cansado de esperar por novas editoras, revistas ou alguém interessado naquilo que escrevia, Morris Cox decidiu publicar por conta própria sua poesia e fundou a Gogmagog Press.

Ele já possuía familiaridade com a impressão de matrizes de linóleo ou madeira. E, reza a lenda, facilmente aprendeu *letterpress* lendo o manual de instruções da pequena máquina que adquiriu. Os primeiros quatro títulos lançados pela Gogmagog misturavam texto e imagem de modo tradicional: o livro e seu processo de produção funcionavam apenas como veículo para a expressão do conteúdo, não como parte do conteúdo em si.

As coisas mudariam a partir de 1960, quando, acidentalmente, Cox descobriu que a tinta poderia ser transferida de uma matriz de impressão por métodos bem distantes daqueles ensinados na escola ou nos manuais de instruções. No mesmo

ano, nasceu *The Curtain*, um poema de sua autoria, ilustrado por gravuras feitas a partir de estopa, tinta diluída com gasolina, trapos de tecido e até um crânio de passarinho. O processo de impressão deixava de lado sua atribuição meramente funcional para juntar-se a texto e imagem como essência do livro. E engana-se quem pensa que as matérias-primas tiradas da lata de lixo resultaram numa obra grosseira: *The Curtain* é de uma elegância sublime.

Daí pra frente, Morris Cox disparou a experimentar todas as possibilidades do livro. Concepção e execução não mais se apresentavam como processos distintos, e ele chegou a construir suas próprias máquinas para aperfeiçoar um sistema de impressão indireta no qual a matriz não transferia a tinta para o papel, mas para uma superfície intermediária, que imprimia, por sua vez, a informação sobre o papel. (Num processo similar ao *offset*, em que o cilindro de borracha é responsável por coletar a tinta da matriz — a chapa de alumínio — e transferi-la para o substrato). Cox também construiu matrizes a partir das mais diversas fontes, muitas delas elementos da natureza como folhas secas. Misturou técnicas de impressão, misturou tintas. Fez do paratexto, texto; do texto, imagem. Resgatou processos históricos, às vezes os respeitando, às vezes os subvertendo. Utilizou objetos descartáveis totalmente alheios ao mundo do livro para imprimir sobre refinados papéis japoneses. Revestiu seus volumes não com tecidos apropriados para tal, mas, frequentemente, com tecidos de vestuário. Os livros passaram a nascer de fontes as mais diversas: ora brotavam dos textos, ora das imagens, ora de experimentos gráficos. A Gogmagog Press deixava de lado sua missão inicial, existir para publicar a obra de seu idealizador, para se transformar na obra de Morris Cox em si, como fica atestado por alguns de seus princípios, redigidos anos após *The Curtain*: tudo o que receber tinta e permitir sua transferência para o papel é um material de trabalho legítimo e se configura como impressão.

A Gogmagog Press se agarra ao máximo possível aos objetivos do impressor-artista. Ela evita o uso de máquinas, exceção feita ao uso muito limitado de uma impressora padrão, substituindo-as com dispositivos originais determinados pelo projeto do momento. Ela utiliza a variação de tintas como princípio. Ela utiliza matrizes “naturais” e feitas à mão, tanto impressas em relevo, entalhe ou juntando ambos. Ela vai adotar, na falta de uma fonte tipográfica própria, qualquer tipo de letra que se adeque ao caráter específico de cada trabalho. E vai sempre se esforçar para encadernar seus próprios livros.

A “falta de uma fonte tipográfica própria” não

parecia, nem de longe, aborrecer Cox: seus livros passeiam por tipos dos mais variados. Alguns, aliás, bastante indigestos ao nosso presumido paladar refinado. Compostos em meio ao universo particular de Cox, porém, não só nos agradam, como parecem revelar virtudes até então invisíveis.

Uma vez encontrada a fórmula — que muitos apontam como ápice usada na série de livros sobre as quatro estações: *Winter*, de 1965, e *Spring*, *Summer* e *Autumn*, de 1966 — Cox fez como todo grande artista, tratou de esquecê-la. No início dos anos 1970, considerou exauridos os veios exploratórios das matrizes inusitadas e voltou-se a composições menos rebuscadas, muitas vezes utilizando simples linoleogravuras. Também passou a experimentar outros métodos, como o desenho às cegas. Quando, já quase octagenário, o trabalho de impressão manual tornou-se por demais puxado para seu corpo, ele não teve dúvidas: trocou o *letterpress* por uma máquina de xerox, na qual produziu, até os 86 anos, os 38 livros da Gogmagog Photocopy Library. (Um deles foi *March Demon*, finalmente publicado em 1984).

Morris Cox morreu em 31 de março de 1998, aos 94 anos.

Hoje, seu trabalho segue ainda relativamente desconhecido. Com exceção de uma pequena mostra realizada no Victoria and Albert Museum em 1994, o pouco que se fala sobre a Gogmagog Press deve-se à insistência de um pequeno grupo de fervorosos admiradores — responsáveis, aliás, pelo único livro publicado sobre Cox, *Gogmagog*, de 1991 (do qual esta publicação retirou boa parte de seus dados, além de ter roubado seu título).

Alguns creditam essa injusta obscuridade às tiragens reduzidas impostas pelo lento processo de produção individual. Existem, porém, argumentos mais convincentes. Um deles, o temperamento recolhido de Morris Cox que, apesar de sempre pintado como uma pessoa extremamente afável e generosa, buscava a todo custo evitar visitas em sua oficina. “Ela é muito pequena”, desconversava enquanto revelava um motivo mais plausível: “vai me distrair do trabalho”. Em tom irônico, ele também afirmava não querer decepcionar aqueles que fantasiavam haver, por trás de livros como *CRASH!*, um jovem autor impetuoso e, ao topar com um tímido senhor de idade, mal conseguiriam esconder a frustração.

Contudo, por mais paradoxal que isso soe, talvez a grande responsável por sua falta de reconhecimento seja a própria obra de Morris Cox na Gogmagog Press. Pois, apesar de conseguirmos apontar influências específicas aqui e ali quando examinamos

separadamente texto ou imagem, o conjunto é, no todo, inclassificável. E, como tal, tende a não encontrar vaga nos cânones que definem o que devemos ou não estimar.

Houve, porém, algumas tentativas de encaixá-lo em categorias preexistentes: como a Gogmagog era uma gráfica particular, foi listada entre as Private Presses britânicas. O que, por um lado, pode até fazer sentido, pois Cox possuía o cuidado e o rigor formal inerente ao movimento, e foi nesse universo que seus livros alcançaram alguma aceitação. Mas soa pra lá de estranho pensarmos num grupo dedicado a vinculá-lo à printing do qual faz parte alguém que usa um crânio de pássaro como matriz de impressão e que, a certa altura, troca o letterpress por uma máquina de xerox. Na outra ponta, o fato de Cox carregar hábitos tardios do movimento Arts and Crafts impediu qualquer ligação às vanguardas subsequentes, ainda que influências como a decalcomania e a frottage surrealistas, especialmente do trabalho de Max Ernst, sejam apostas bastante certas.

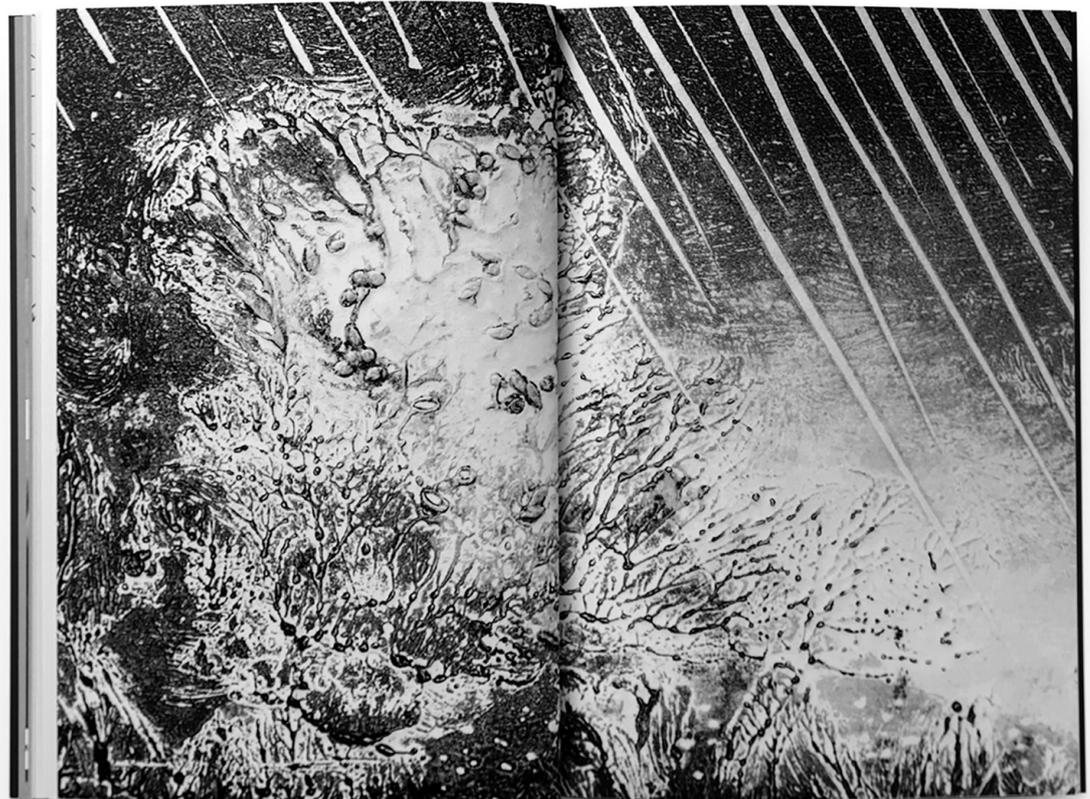
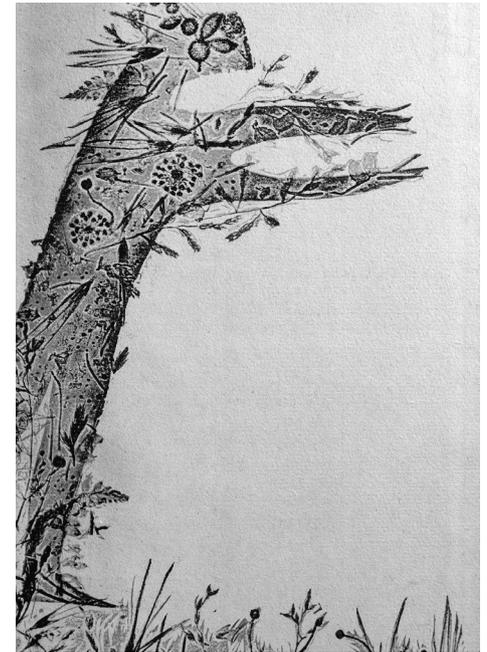
Também tentou-se cotejar Cox individualmente. Mas o único parentesco aventado foi com outro inglês também etiquetado de “inclassificável”, William Blake, que escreveu, desenhou e imprimiu obras como *The Marriage of Heaven and Hell*, de 1793, e *Songs of Innocence and Experience*, de 1794. Blake, no entanto, distancia-se de Cox num ponto crucial da singularidade deste último: a produção de seus livros restringiu-se à técnica, a servir de veículo para seu conteúdo. Cox tornou a impressão parte ativa — por vezes determinante — do processo de elaboração de um livro.

“Eu estive trabalhando sobre essas possibilidades já há alguns anos. Mas tenho certeza de que você vai concordar que, artisticamente, não faz sentido simplesmente imprimir a partir de pedaços de renda, bordados ou botões só por diversão. Tudo deve ser tratado com originalidade e propósito.”

A trajetória ímpar de Morris Cox segue exibindo um vigor e uma originalidade que os anos não parecem capazes de desbotar. Se optarmos por continuar ignorando-a, azar o nosso.

“Eu penso que o ponto real é: o quanto da arte é completa com a execução de seu original, o quanto depende da impressão? No meu caso, a elaboração do original é mínima, mas a impressão é tão complicada que eu preciso fazê-la eu mesmo, especialmente onde são necessárias muitas cores e texturas. Mas uma simples xilogravura que eu crie pode muito bem ser impressa por qualquer um.”

'Your status is slipping.'



Relevo

O jornal da família brasileira – Quem ainda não assinou, favor assinar
contato@jornalrelevo.com

“Feliz Natal e um Próspero Ano Novo”

Janeiro 2018

DOM SEG TER QUA QUI SEX SÁB

1 2 3 4 5 6
7 8 9 10 11 12 13
14 15 16 17 18 19 20
21 22 23 24 25 26 27
28 29 30 31

2 8 17 24 31

Fevereiro 2018

DOM SEG TER QUA QUI SEX SÁB

1 2 3
4 5 6 7 8 9 10
11 12 13 14 15 16 17
18 19 20 21 22 23 24
25 26 27 28

7 15 23

Março 2018

DOM SEG TER QUA QUI SEX SÁB

1 2 3
4 5 6 7 8 9 10
11 12 13 14 15 16 17
18 19 20 21 22 23 24
25 26 27 28 29 30 31

1 9 17 24 31

Abril 2018

DOM SEG TER QUA QUI SEX SÁB

Maio 2018

DOM SEG TER QUA QUI SEX SÁB

Junho 2018

DOM SEG TER QUA QUI SEX SÁB

1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 13 14
15 16 17 18 19 20 21
22 23 24 25 26 27 28
29 30

8 15 22 29

1 2 3 4 5
6 7 8 9 10 11 12
13 14 15 16 17 18 19
20 21 22 23 24 25 26
27 28 29 30 31

7 15 22 29

1 2
3 4 5 6 7 8 9
10 11 12 13 14 15 16
17 18 19 20 21 22 23
24 25 26 27 28 29 30

6 13 20 28

Julho 2018

DOM SEG TER QUA QUI SEX SÁB

1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 13 14
15 16 17 18 19 20 21
22 23 24 25 26 27 28
29 30 31

6 12 19 27

Agosto 2018

DOM SEG TER QUA QUI SEX SÁB

1 2 3 4
5 6 7 8 9 10 11
12 13 14 15 16 17 18
19 20 21 22 23 24 25
26 27 28 29 30 31

4 11 18 26

Setembro 2018

DOM SEG TER QUA QUI SEX SÁB

1
2 3 4 5 6 7 8
9 10 11 12 13 14 15
16 17 18 19 20 21 22
23³⁰ 24 25 26 27 28 29

2 9 16 24

Outubro 2018

DOM SEG TER QUA QUI SEX SÁB

1 2 3 4 5 6
7 8 9 10 11 12 13
14 15 16 17 18 19 20
21 22 23 24 25 26 27
28 29 30 31

2 9 16 24 31

Novembro 2018

DOM SEG TER QUA QUI SEX SÁB

1 2 3
4 5 6 7 8 9 10
11 12 13 14 15 16 17
18 19 20 21 22 23 24
25 26 27 28 29 30

7 15 23 29

Dezembro 2018

DOM SEG TER QUA QUI SEX SÁB

1
2 3 4 5 6 7 8
9 10 11 12 13 14 15
16 17 18 19 20 21 22
23³⁰ 24³¹ 25 26 27 28 29

7 15 22 29

Defenestrando – por Felipe Gollnick

Natal no inferno

Em dezembro, a civilização ocidental está especialmente empenhada na tarefa de deixar bem claro, por bem ou por mal ou por luzinhas piscapisca, o fato de que o Natal está chegando. Não importa no que você, no que sua família ou no que a diagramadora do **RelevO** acredite, o Natal está chegando, e é necessário lidar com isso.

E a forma que esta coluna encontrou de lidar com isso foi bater em quem já está caído: o disco *25 de Dezembro*, de Simone. Esta coisa maravilhosa que, já de partida, se apresenta de forma brilhante ao misturar o 5 do título com o S de Simone – e a cantora na capa com o punho erguido, meio relaxado, meio rígido, como se quisesse mostrar o dedo do meio, mas não tivesse coragem suficiente para isso.

Lançado em 1995, este álbum foi o primeiro lançamento musical brasileiro a explorar única e exclusivamente o Natal [CARECE DE FONTES]. Era um vazio fonográfico que existia por aqui numa época em que as pessoas ainda compravam muitos discos, então pensa na bagunça que foi quando um mercado consumidor gigantesco teve à disposição um CD inteiro só sobre o Natal. Um disco que toda a família (cristã, provavelmente (mas vai saber)) poderia ouvir sem medo de ser feliz e com a leveza de saber que todos entenderiam a letra. Foram 1,5 milhão de unidades vendidas somente na época, segundo uma matéria de 2011 da Folha de S. Paulo.

Em anexo, comentários sobre *25 de Dezembro*. Vai demorar para minhas recomendações do Spotify voltarem ao normal depois deste texto.

“Então é Natal - Happy X-Mas (War is Over)”: O DISCO MAL COMEÇOU E VOCÊ JÁ ESTÁ VENDO PEDACINHOS DO SEU CÉREBRO ESPALHADOS PELA PAREDE. ESCORRENDO. Bem devagarinho. Tipo uma

gosma. Aliás, não consigo identificar se o coral no refrão está cantando “aleluia” ou “hare rama, hare hare”.

“Natal Branco (White Christmas)”: Aqui, você quase enxerga seu primo vestindo uma daquelas blusas de lã com desenhos coloridos enquanto olha pela janela, curtindo o clima de Natal. Só que você está no Brasil, o clima de Natal significa, pelo menos, 30 graus Celsius e o seu primo mereceu isso, porque ele é um pentelho.

“Sino de Belém (Jingle Bells)”: Existia Natal antes de Simone? Existia música de Natal antes de Simone? Por que estou escrevendo Natal com letra maiúscula? Simone realmente não quis mostrar o dedo na capa?

“Pensamentos”: Música elaborada com o objetivo de reunir tudo o que há de clichê na música pop de elevador dos anos noventa: tecladinho fajuto utilizado sem parcimônia por mais de quatro minutos; bateria bem espaçada e devagar e com a caixa seca; guitarrinha; amor de sobra; saxofone brega. Pense em “We Are The World”, mas tire Michael Jackson e a turma toda e deixe só a Simone sozinha numa sala de estúdio depois do fim do expediente dos funcionários, com um fone de ouvido de tamanho desproporcional.

“O Velhinho”: Seja rico, seja pobre, as harmonias vocais aqui são UMA PIRA.

“Jesus Cristo”: TESTEMUNHO: Eu gosto bastante dessa música (porém, mais da gravação de Roberto), e cheguei a fazer uma versão laica dela. Uma versão SECULAR. Alguém, por favor, segure

o CAPS IRÔNICO.

“Que Maravilha Viver... (What a Wonderful World)”: “E eu digo pra mim: que maravilha viver”. HAHHAHAHAHA

“Natal das Crianças”: Às vezes, não dá uma vontade de sair contando para todas as crianças que o Natal é uma farsa? Que todos vão morrer e irão para o inferno, a não ser que peçam clemência a BNegão?

“Boas Festas”: Na época de Natal, muita gente sai cantando esta música alegremente sem se dar conta do tamanho da tristeza da letra: “*Já faz tempo que eu pedi, mas o meu Papai Noel não vem / Com certeza já morreu ou, então, felicidade é brinquedo que não tem*” (grifo meu). Aqui, essa falta de noção fica ainda mais evidente com a presença do Timbalada em uma saltitante batucada.

“Noite Feliz (Silent Night)”: Em vez de falar sobre essa faixa, eis um bônus para quem aguentou ler esta porcaria de coluna até o final: Supla, Alexandre Frota, Bárbara Paz e grande elenco cantando uma versão sofrível de “Então é Natal” na Casa dos Artistas em 2001. Disponível em: <http://bit.ly/NatalNoInferno>

“Ave Maria”: Aquela hora do fim da missa em que o padre e o coral das Meninas Cantoras de Petrópolis te mandam para casa. Ou para o inferno.

Por fim, é importante frisar que, ao isolar os dez primeiros segundos de cada música, juntá-los em uma única faixa e ouvir tudo de trás para frente, uma mensagem pode ser ouvida em tons macabros: “SIGA O RELEVO NO INSTAGRAM”, diz Simone, endiabrada.



Gutemberg Medeiros

Livro sobre livros

Uma página dedicada a livros necessita ser coerente. Nesse sentido, relançamento relevante é de *Livro sobre livros: O aparecimento do livro*, planejado por Lucien Febvre e realizado por Henri-Jean Martin (Edusp). A obra é referência a todos os interessados por este objeto, entre os mais importantes para a história do mundo. Leitura acessível, traça histórico minucioso deste vetor que incrementa a tão falada globalização desde o surgimento do papel.

O livro foi muito mais do que uma simples conquista técnica. Este lançamento detalha como esta conquista trata-se de inédito meio (ou mídia) intelectual à cultura ocidental para concentrar, transmitir e expandir ideias centrais, que levaram a novos hábitos e pensamentos, mudando a cara do mundo em todos os sentidos, seja no aspecto religioso, cultural ou político.

A obra inicia discorrendo sobre o papel, este novo suporte de escrita trazido à Itália, nova espécie de pergaminho transportado pelos comerciantes que negociavam com os árabes, no século XII. Teve várias matérias-primas, do linho aos trapos velhos até a atual celulose. Mas somente tomou o protagonismo em relação ao pergaminho a partir do século XIV.

Um dos maiores méritos do estudo é localizar o livro como agente histórico – não apenas informa, traz, mas ainda transforma a nossa história através dos séculos. Ao mesmo tempo, tem a dupla identidade de mercadoria e de transmissor de ideias. Esta é a grande aventura que transversa amplas camadas, desde as técnicas e as tecnologias para compor este objeto até as variações de tempo e de espaço que concorreram para a sua expansão, inclusive as diversas mudanças do mercado editorial.

Esta edição nova traz uma série de materiais adicionais iluminadores ao original concebido na década de 1950. Entre estes materiais, destaca-se a seção “Aprender o Ofício de Historiador: Correspondência Inédita Dirigida por Lucien Febvre a Henri Jean Martin, 1952”, onde o leitor poderá perceber como se formou esta obra de referência. Lucien Febvre (1878-1956) foi um dos mais destacados historiadores contemporâneos e cofundador da Escola dos Annales. Entre seus discípulos está Henri-Jean Martin (1924-2007), que se notabilizou por ser um dos pioneiros na história da escrita e da impressão.

Memória do mundo

2017 vai deixar muitas tristes memórias, mas uma certamente ótima por ter sido dedicado a Lima Barreto. Pouco divulgado na imprensa, mas de grande valor, foi o fato do Arquivo Lima Barreto, da Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional, passar a integrar o “Programa Memória do Mundo”, da UNESCO. Este não é apenas título honorífico. Agora este acervo será divulgado para pesquisadores de todo o planeta e trará benefícios vários, desde o aumento na leitura e na pesquisa sobre o autor até formas de patrocínio para a sua manutenção.

O conjunto é formado por originais, diários, correspondências entre outros preciosos documentos. O que a imprensa não informou é como o manancial de informação foi localizado e levado à Biblioteca Nacional nos anos de 1940 pelo jornalista e pesquisador Francisco de Assis Barbosa (1914-1991), cuja principal obra, *A vida de Lima Barreto*, foi relançada em 2017 pela Editora Autêntica.

O valor deste trabalho, lançado em 1951, foi definido por Sérgio Buarque de Holanda: “Reúne virtudes de uma genuína biografia literária às de uma reportagem perfeita em grande estilo”. Sob os mais variados aspectos, este trabalho foi o responsável por revelar este grande escritor brasileiro ao seu próprio país. No início da década de 1940, Barbosa era um dos mais destacados jornalistas culturais do Rio de Janeiro. O então editor Zélio Valverde o procurou para escrever a biografia de Lima para, na sequência, publicar as obras do autor.

O primeiro passo de Barbosa, como bom jornalista, foi verificar se havia familiar vivo e ver se tinha guardado algo, nem que fosse alguma foto aliado à memória vivida. Saiu a campo e descobriu a humilde casa do escritor

em Todos os Santos, alta periferia carioca, onde encontrou Evangelina de Lima Barreto. Esta logo o conduziu ao que foi o quarto do irmão, mantido por ela tal qual o deixara ao falecer, em 1922. Para a surpresa de Barbosa, estava lá cuidadosamente disposto o acervo do escritor. O biógrafo intermediou a ida da documentação à Biblioteca Nacional para melhor conservação e conseguiu a compra do mesmo para aquela senhora ter uma vida menos apertada em seu final de vida.

Barbosa mergulhou nesse material e, entre outras maravilhas, estavam romances, contos e crônicas inéditos em livro. Ou seja, quase toda a produção de Lima. O editor Valverde desistiu do projeto, mas o jornalista foi em frente e fez a biografia – aliando a rica documentação com pesquisa de jornais e revistas e entrevistas com pessoas que conheciam a obra e a vida de Lima. A biografia foi publicada pela Editora José Olympio e festejada pela crítica.

O trabalho de Barbosa não parou por aí. Conseguiu que a Editora Brasiliense, de propriedade de Caio Prado Júnior e Monteiro Lobato – este amigo de Lima – publicasse em 17 volumes a obra do autor. A coleção foi organizada pelo biógrafo com as colaborações de Antônio Houaiss e Cavalcanti Proença. Cada volume conta com estudos introdutórios do melhor da intelectualidade da época, como Sérgio Buarque de Holanda, Lúcia Miguel Pereira e Eugênio Gomes.

A Autêntica ainda publicou o romance *Clara dos Anjos* e a coletânea *Lima Barreto: cronista do Rio*, organizada pela especialista Beatriz Rezende. Estas e outras publicações de e sobre Lima Barreto são vitais para conhecer um dos que mais descobriram o Brasil.

Bolívar Escobar

10 coisas que você deve evitar dizer para sua família nesse Natal

Que época boa o Natal, não é mesmo? A família se reúne depois de um ano de experiências, de transformações e de aprendizados. O que muita gente vê como uma oportunidade de confraternização e regozijo, muitas vezes é encarada como uma pesada barra que jovens e adolescentes precisam segurar até poderem respirar aliviados novamente e assumirem suas verdadeiras personalidades ao lado dos amigos depois das sofridas férias, graças a presença conflitante de parentes com certas “opiniões” que podem divergir drasticamente do que a galera da faculdade pensa.

É ciente disso que trago, aqui nesta pequena epístola, uma lista de 10 assuntos “proibidos”, que podem causar desconforto e embaraço perante tias, avós & agregados. Apresento também pequenas estratégias para se desvencilhar do problema caso algum dos itens se manifeste na hora de almoçar ou jantar.

1. *“Genesis é uma banda muito boa, mas acho que só a partir dos anos 80 é que ela conseguiu assumir sua verdadeira identidade.”*

Jamais diga uma barbaridade dessas nem de brincadeira. Menosprezar o trabalho de Peter Gabriel perante a prostituição sonora de Phil Collins é um pecado que nem aquele seu tio mais engraçadão vai deixar barato. Não pise na bola, diga sempre que o *Selling England by The Pound* é o melhor álbum e veja seu velho avô se abrir em um gostoso sorriso de comprovação ao constatar que essa geração não está perdida.

2. *“Videogames nunca serão considerados arte. São apenas uma forma de entretenimento superficial. Pular amarelinha é arte? Jogar peteca é arte? Claro que não.”*

Aqui, um alerta significativamente vermelho para as ramificações que esse assunto pode gerar. Sua

prima mais engajada nas Ciências Humanas pode interpolar a conversa sugerindo que a definição de arte tornou-se fluída e não formalista após “A Fonte”, de Marcel Duchamp. Aquele seu outro primo mais novo vai argumentar que solar mid com um druid no DotA é uma obra de arte maior do que o teto da Capela Sistina. Seja lá como for, tente terminar o assunto o mais rápido possível com alguma frase de efeito: “O objetivo da arte é representar não somente a aparência externa das coisas, mas sim o seu significado interior, autor Aristóteles ou algum outro grego, sei lá gente! hahaha guerra de comidaaaaaa”.

3. *“Todos os crimes que eu cometi até hoje nunca deixaram pistas, esse pessoal investigado pela Lava Jato é amador pra caralho.”*

Essa parece ser uma frase inocente que qualquer pessoa diria em um bar, mas na ceia de Natal ela pode soar um pouco pesada: talvez você transpareça um pouco de narcisismo ou egocentrismo. Seja mais calmo, leve-se menos a sério: invente alguma história na qual você comete algum crime, porém precisa fugir para a Colômbia por três meses para despistar a polícia. Não existem crimes perfeitos porque a lei sempre prevalece no fim, deixe isso bem claro para a sua família.

4. *“O aquecimento global será a causa da extinção humana, daqui 50 anos não vai sobrar mais nada.”*

Engajamento com a ecologia, tolerância religiosa e bons cuidados com a pele: coisas que fazem qualquer parente se sentir admirado. Mas anúncios alarmistas com essa retórica pós-apocalíptica dificilmente conquistam corações e esse, em particular, está errado. Dizer que “não vai sobrar nada” é um exagero, já que só as camadas mais pobres da população sofrem

verdadeiramente com o aquecimento global e podem acabar sendo fatalmente obliteradas graças ao derretimento das calotas polares ou aos buracos na camada de ozônio. Nunca deixe esses detalhes de fora quando estiver tentando aumentar a consciência ecológica dos seus tios.

5. *“Colocou menos de dez quilos de cada lado do supino eu já considero frango.”*

Se você é o “saradinho” da família, que vai na academia frequentemente e faz omelete de whey, talvez a sua empatia pelos demais seres humanos esteja gravemente afetada pela convivência com outros equivalentes da sua espécie. Às vezes, torna-se complicado deixar transparecer que, por baixo de todos aqueles músculos, existe uma pessoa carinhosa e que só quer ver os priminhos saudáveis. Evite impor parâmetros desse tipo quando a conversa envolver halteres ou abdominais: todo mundo está tentando se sentir bem e cada um faz as séries de exercícios que mais gosta.

6. *“Os melhores filmes do Tarantino, em ordem, são: Cães de Aluguel, Pulp Fiction, Bastardos Inglórios, Kill Bill 1, Kill Bill 2, Os 8 Odiados, Jackie Brown, Django Livre, À prova de Morte e Sin City.”*

OK, Sin City foi a pior ideia do Tarantino, quanto a isso não há discussão. Mas você tem certeza que Jackie Brown merece um lugar apenas entre os cinco últimos da lista? E, ainda por cima, DEPOIS de Os 8 Odiados? Geralmente, as pessoas entram no cinema para assistir um Tarantino esperando violência e diálogos engraçados entre militares ou gângsters. De repente, se deparam com um filme que é basicamente sobre o abismo gélido que separa a juventude da vida adulta e a incessante e cruel busca diária pelo dinheiro e por maneiras de melhorar a vida, nem que seja um pouco. Complicado, né? Pense duas vezes e refaça a sua lista de filmes favoritos do Tarantino antes de apresentá-la para a sua família nesse fim de ano.

7. *“O capitalismo jamais será vencido, pois é o sistema econômico que melhor reflete a natureza humana: egoísta, adaptável. A esquerda não enxerga isso: não consegue recorrer a outra alternativa a não ser abraçar os ideais de expressão individual e questões de gênero, sem nunca propor uma alternativa econômica equivalente a não ser um retorno ao coletivismo primitivo.”*

Opa, hehehe. Não levante o pé, você acabou de pisar em uma mina. Discussão política, em plena ceia natalina? O chester vai esfriar até você conseguir convencer todo mundo na mesa que você está certo — e mesmo que consiga, em vez do sabor da ave temperada, nada mais penetrará por suas papilas gustativas a não ser a amargura de ter importunado a vida dos seus tios com esse papo desconfortável. Por mais que seu baralho de super trunfo mental esteja equipado com as mais diversas cartas que suportam sua teoria, tenha em mente que a qualquer momento um caminhão desgovernado

pode quebrar a parede da sua casa, arrastando os corpos sem vida dos seus parentes até o outro lado do quintal e deixando um rastro de sangue e ossos no lugar. E aí você vai pensar: “eu não acredito que passei os últimos momentos da vida deles fazendo-os acreditar que o capitalismo prevalecerá no fim”.

8. *“A foto estilo selfie é a prova de que o ser humano é egoísta, só pensa em si. É o que melhor descreve essa geração alienada que não gosta de socializar e fica o dia inteiro no ‘zap’”.*

Poxa vida, você tem certeza que a foto estilo “selfie” é esse Dragão de Komodo visual? Pense por um momento: não é bacana que algum parente seu se olhe no espelho e se ache bonito o suficiente para querer tirar uma foto? Talvez seja o único momento no dia dele em que ele sinta verdadeira felicidade, e uma felicidade simples, a felicidade de amar a si mesmo! E ele só quer demonstrar isso por meio de uma foto, de um registro daquele momento. A selfie nada mais é do que um testemunho escrito que diz: “naquele momento, eu estava me amando”. Isso não é lindo? Você tem coragem de se olhar no espelho e tirar uma foto desse bagaço humano que você vê?

9. *“Consideremos ainda, por fim, que ingenuidade patética é em geral dizer que o ‘homem deveria ser de tal ou de tal modo!’ A efetividade nos mostra uma riqueza encantadora de tipos, a exuberância de um jogo e de uma mudança de formas profusos. E um reles serviçal de moralista qualquer diz: ‘não! o homem deveria ser diferente?’... Ele sabe até mesmo como ele deveria ser, este fanfarrão e este beato, ele pinta um autorretrato na parede e diz ‘ecce homo!’... Mas mesmo quando o moralista se volta simplesmente para o indivíduo e lhe diz: ‘tu deverias ser de tal e de tal modo!’, ele não deixa de se tornar risível. O indivíduo, visto pela frente ou por detrás, é um pedaço de destino, uma lei a mais, uma necessidade a mais para tudo o que advém e será. Dizer-lhe ‘transforma-te’ significa exigir que tudo se transforme, até mesmo ainda o que ficou para trás... E, realmente, houve moralistas consequentes; eles queriam os homens diversos, mesmo virtuosos, eles os queriam à sua imagem, mesmo beatos: para tanto, eles negavam o mundo!”*

Ei, caralho, espera aí. Você está citando Nietzsche em plena ceia de Natal. Você é louco? A não ser que você seja o próprio Nietzsche, pegue um pouco mais leve na filosofia, converse sobre coisas mais amenas. Pra qual time de futebol você torce? Fale alguma coisa sobre o seu time. Ah, você é desses que “não tem time”? Puta que pariu, hein, Nietzsche.

10. *“Eu gosto de comer fezes às vezes.”*

Pode ocorrer da família ser aquela coisa italiana bizarra na qual 50 pessoas se reúnem e falam muita besteira, mas revelar segredos e gostos pessoais excêntricos é um pouco arriscado. Evite expor esse tipo de hábito na frente de parentes mais jovens ou de pessoas distantes. Evite comer fezes também, se possível.

Micheline Verunschik

o que é violência editorial de gênero?

1. se aproximar emocional, afetiva ou sexualmente de escritoras/editoras com o intuito de se fazer conhecido no meio literário;
2. em sendo um escritor ou editor estabelecido, se aproximar emocional, afetiva ou sexualmente de escritoras jovens ou desconhecidas e, sob o pretexto de impulsionar suas carreiras, abusar delas física, emocional ou sexualmente;
3. utilizar de uma posição estabelecida no meio literário para boicotar, minimizar, inviabilizar a carreira de escritoras e editoras;
4. iniciar campanhas de difamação/ostracismo contra escritoras e editoras com as quais diverge estética, política ou pessoalmente e apostar na intriga e oposição entre mulheres;
5. a não inserção de escritoras e editoras em mesas, prêmios, júris, publicações;
6. o uso do próprio reconhecimento literário como arma de destruição da autoestima de uma mulher escritora;
7. o uso da crítica literária como arma de rebaixamento do trabalho literário de mulheres;
8. minimizar, ridicularizar ou silenciar mulheres escritoras/editoras em busca por seus direitos;
9. priorizar beleza, juventude, cor de pele em escolhas editoriais ou curatoriais;
10. usar de sua posição no meio literário para exigir de escritoras/editoras posturas que contrariem suas crenças, princípios e dignidade;
11. tratar textos eróticos ou libertinos como autorização para insistir incessantemente em flertar com, ou mesmo cometer abusos contra, sua autora.



Ana Paula Málaga

Autorretratos

Fui uma criança que adorava sair em fotos. Depois virei uma adolescente que não se deixava ser fotografada e não queria ser vista, nem pelos outros, nem por mim mesma. Todas as inseguranças dessa época traziam também uma angústia e uma urgência de entender melhor quem eu era.

Resolvi, então, quase numa estratégia inconsciente de defesa que eu, antes de me expor, precisava me conhecer, para me sentir menos vulnerável e frágil. Passei a me olhar e me analisar através de autorretratos. Me olhar sozinha antes, para, depois, já mais consciente de quem era essa Ana, me mostrar para o mundo lá fora.

Comecei fazendo autorretratos em casa, me olhando pelo espelho – no começo, virar a câmera diretamente para mim parecia algo quase violento. O espelho servia como um filtro, como um olhar indireto, mais leve. Após vários exercícios (e processos longos), conseguia me enxergar, queria ser vista e podia ver nas imagens produzidas por mim a Ana que sei que sou.

Com o tempo fui me reinventando para a câmera. A fotografia se mostrou como uma ferramenta de autoconhecimento e autoficção. Não me fotografo para ser vista pelos outros, me fotografo para saber quem sou e quem posso ser.

Rafael Quintiniano da Silva Lopes

CARANGUEJO

I
era em uma idade plausível em que ainda se confundiam as cinturas das mulheres com colares de carne. nada de promíscuo. os olhos viam e a imaginação obedecia. flaminautas trazidos da cegueira iminente do sol fincavam os pés de chumbo no chão, feito bombas rubras de sonho, afundavam meio metro terradentro e formavam ocos, que dir-se-ia, davam para uma antessala para o futuro onde meninos ansiosos dormiam. a fala era mole, mas larga, dolente, dita entre dentes de leite, solta entre termos imprecisos, rasgava inconscientemente como tecido frágil, mas era quase nunca, afinal, se tratava de uma criança doce. olhando as nuvens, perguntou à sua avó: de que elas são feitas? de pele, menino, as nuvens são a pele morta de Deus.

via as réstias do meio-dia prenhe de microorganismos, aliás, todo feixe de luz nadava no ar, e em toda a sua profundidade se ocultava um fato ignorado, e na terra preta, e no ferro-cromo. como em um dia em que escondido, deitou leite fresco na terra preta, queria mesmo pequenos vilarejos oníricos ladrilhados de carrara ou um pé de fruta-leite. e então, num labor pequeno cavava as mãos nuas, cavava as mãos leves, mãos como brotos de gengibre de tão pequenas, e a terra sob as unhas, e a terra junto à pele, às vezes além da lúnula, ia tocando alguns minérios mais jovens. mas não desejava nada; imaginação não é desejo, é cultivar uma flor única, regar-lhe somente a sombra, aferir sua temperatura com o dedo indicador embebido em saliva, e nem por um segundo perceber que essa flor não existe.

um caranguejo aguardando tempestades.
cangrejo, su cabeza, caja de recuerdos. sus pinzas, monstruosidades delicadas, abarcan o tempo ínfimo, a respiração das marés, e acenam nostálgicos, diante das ruínas anunciadas dos palácios de salsugem.

sus pinzas cavan ligero, sus pinzas pequeñas cavan reviram a terra, engendram perfumes para as raízes, acalentam minérios, e na lama mole llamada vientre, fabulam planos antiguerra, mesclam as doutrinas do silêncio-musgo e da gosma-urdida, no regaço do pai-barro realizam proezas, promovem festins na podridão underworld mangue-preto, e se pegos subitamente pelas marés, os malditos caranguejos sempre sonhando.

II

o sal do suor deturpa a visão, a febre da rotina rota, a rota para a degeneração é o corpo-presente-de-grego. ver-se sem espelhos, a imagem de si mesmo é siamesa de pensamento, de lembrança em lembrança constrói-se infinitas vezes a sua persona, aliciada na cilada do flagrante, o sujeito equatorial travestido da carapuça que lhe ser-vil. vai saber quanto custa ser crustáceo.

perdoem-me se guardo um coração e não pérolas no cefalotórax: certa noite de farra, cerrada de luzes fora e luzes inside decidi arriscar em um alvo, a dona do vestidinho batido mascava algo que depois descobri, não era chiclete, eram palavras sem conteúdo, mas podia ter me apaixonado de verdeamarelo assim mesmo e seguir pelo resto da noite com ela, a cabeça cheia de whisky, falando merda em meio a música ruim, deslizar as mãos pelo seu colo, como lesmas quase cegas, mas as luzes pontiagudas sempre ferem um romântico ressuscitado, a palidez neon esgrima contra olhos desdenhosos (será que sob essas luzes todas, ela confundiria meu coração com uma maçã?). falhar em resgatar a Hidra, e embora com a boca-gengiva degustando, depois de milênios, o sangue de Hércules, sinto muito por toda a minha linhagem, mas foi a empreatada mais fácil.

Ágnes Souza

escova de dente

escova de dente
um dia, talvez,
me comovas
ao ver minh'alma
e a tua enganchadas
como duas escovas.

Poema integrante de *Re-cordis* (Moinhos, 2016)

Percy B. Shelley

Ozymandias

I met a traveller from an antique land
Who said:—Two vast and trunkless legs of stone
Stand in the desert. Near them on the sand,
Half sunk, a shatter'd visage lies, whose frown
And wrinkled lip and sneer of cold command
Tell that its sculptor well those passions read
Which yet survive, stamp'd on these lifeless things,
The hand that mock'd them and the heart that fed.
And on the pedestal these words appear:
“My name is Ozymandias, king of kings:
Look on my works, ye mighty, and despair!”
Nothing beside remains: round the decay
Of that colossal wreck, boundless and bare,
The lone and level sands stretch far away.

Trad. Lui Wolff

Ozymandias

Conheci um viajante de um reino ancestral
Disse-me que há dois pilares de arenito,
Pisam no deserto... e perto, no sal,
Meio sepultada, uma face e um grito
Feição de poder, de comando sentida,
Que bem o escultor no arenito gravou
Pois ainda vive nessas coisas sem vida
Na mão que viola e no peito que arfou
E no pedestal a palavra exaspera:
“Meu nome é Ozymandias, o rei dos reis:
Vislumbra mi'a obra, ó Grande, e desespera!”
Nada mais há ao redor do que decai
Da colossal ruína, desnuda e sem ver
Solitária, a areia na distância se esvai.

Claudia Lopes Borio

O homem que virou peixe que virou cavalo

Eu saio para caminhar de tarde, desconsiderando que todos dizem que tenho uma doença possivelmente terminal, e encontro esse senhor com o pescoço curvado, não sei como devo chamá-lo: senhor de cabeça abaixada, senhor de pescoço curvado, senhor do pescoço abaixado, senhor das costas curvadas, senhor qualquer coisa que olha somente para o chão. E eu ando por entre estas pacatas ruas com meu ritmo plaft plaft de sapatos macios e de um corpo que ama se movimentar sacudindo a bunda e balançando os braços, sem pensar em mais nada do que as nuvens que fazem um pôr do sol amarelo e um arco-íris do outro lado do mundo, as árvores que têm florzinhas de outono com cheiro de mel e os pássaros silvestres que fogem assustados levantando o rabinho alegremente quando me veem me aproximar. E penso que há tanta gente engraçada neste bairro, o maluquinho que me cumprimenta com olhar de louco quando eu passo com um pouco de medo dele, tenho medo, mas ele parece ter mais medo de mim e me olha com olhar doce e dócil e diz boa tarde, dona moça, e eu tenho que dizer boa tarde e sorrir para ele não ter medo, não ter medo nunca, e o mercadinho com aquela moto que sai equilibrando três botijões de gás e a mulher que coloca verduras e frutas um pouco passadas numa caixa na frente para quem quiser pegar de graça e vem um sabiá bicar um mamão bem maduro. Então andar é uma coisa boa e cada calçada tem uma história, um cacto que foi cortado e rebrotou lindamente, a casa do velho com um cachorrinho que foi reformada não sei por quem e até pintada está, e agora a outra casa onde moram todos os garçons do mundo e não deixam as coisas lá muito arrumadas, e também a velha casa abandonada que está caindo, onde morava

uma velhinha muito bonitinha com suas camisas de tergal e uma cesta no braço. O homem de cabeça abaixada como um guindaste que levanta pesadas cargas amarelas para uma obra poeirenta e doida tem pés grandes e um corpo chato e plano, ele passa por mim com sua cabeça abaixada e é difícil ter uma boca que sorri se a sua cabeça está olhando para baixo, tenho vontade de pegar essa cabeça na minha mão e levantá-la e dizer olhe, seu moço, que as árvores do outono, os passarinhos, o maluco, o rio que passa com um pouco de cheiro de esgoto, é verdade, mas ainda é um rio e tem árvore e o arco-íris e a pimenta vermelha madura demais na caixa do mercadinho, mas vou andando com minha sacola de pano sem personalidade nenhuma e um pouco de dinheiro dentro, só para o caso de ser assaltada ou de ficar com pena do maluco ou de querer comprar um chocolate branco ou um suco de maçã, e vou com meus sapatos bem macios que fazem plaft plaft e induzem meu corpo a um balanço bom e elástico e não quero saber de muita coisa, quem sabe os carros vão passando e aparece aquele bom velhinho animado com uma varetinha de bambu e seu poodle branco super educado como um pequeno lorde inglês de bigodes e depois a casa onde morreu a mãe da senhora que mora na outra casa ao lado, ela tem ali dois grandes vira-latas machos que ficam de pé no portão e que não latem mais quando eu passo e geralmente é por ali que eu cruzo com o homem de pescoço abaixado olhando para o chão quando deveria estar olhando para as nuvens e virar peixe, virar cavalo, virar qualquer coisa e pisar as pedrinhas suavemente mas ver que há uma pimenta vermelha, uma cesta, um passarinho do rabo levantado, um ônibus cheio de crianças, uma árvore com florzinhas de outono.

Daniel Osiecki

Paulo Sandrini – entre a distopia e o heterodiscurso

Quando se fala em distopia, é praticamente impossível não pensar na tríade *Admirável mundo novo* (1933), *1984* (1948) e *Laranja mecânica* (1962). Aldous Huxley, George Orwell e Anthony Burgess criaram universos obscuros, futuristas, pós-apocalípticos, nos quais de alguma forma a linguagem, além de padrões e de condutas sociais e morais, também sofre alguma alteração em sua estrutura.

Ainda podemos inserir na lista de clássicos da distopia obras como *Fahrenheit 451* (1953), de Ray Bradbury, e *Eu, Robô* (1950), de Isaac Asimov. No Brasil, há o ótimo *Não verás país nenhum* (1981), de Ignácio de Loyola Brandão, que segue um padrão muito parecido de Orwell e Burgess, porém, essa não é uma tendência muito prolífica na literatura brasileira.

O escritor brasileiro Paulo Sandrini (natural de Vera Cruz e residente em Curitiba desde os anos 1990) publicou em outubro passado os romances *Peixes coloridos de alto-mar* e *Balido do branco*, ambos por sua editora, a Kafka. Sandrini tem uma obra muito diversificada e extensa. Ao todo, são nove livros, entre contos, romances e ensaio: *O estranho hábito de dormir em pé* (2003), *Código D'incríveis objetos & histórias de lebensraum* (2005), *Osculum Obscenum* (2008), *O rei era assim* (2011), *Exposição das tripas* (2014) e o ensaio *David Toscana entre McOndo e El Crack: diálogos e divergências com a literatura latino-americana do século XX* (2016).

Os dois romances publicados em 2017 foram escritos anteriormente e somente agora vêm a público em belas edições de capa dura. *Peixes coloridos de alto-mar* segue a linha distópica de um

Orwell, de um Burgess e de um Brandão, mas um dos focos de seu protagonista anônimo, que narra suas desventuras e peripécias por uma grande cidade que poderia ser qualquer capital brasileira, não é a desumanização do indivíduo em um meio opressor (padrão das obras distópicas), mas a permanência da humanidade deste homem que sai rumo ao desconhecido em busca de sua filha.

Depois de sofrer vários revezes, o anônimo se vê vítima do pior deles: sua ex-esposa desaparece com sua filha sem deixar vestígios. Dentre relações sexuais complexas, encontro com corpos no meio da rua, luta para conseguir comida e água, a parceria de seu único amigo, o tenente Barrety, o desejo aos poucos substituído por repulsa por Alana, amiga de sua ex-esposa, percebe-se uma tentativa do protagonista em manter-se são, sóbrio, em um meio onde as adversidades da vida moderna parecem conspirar contra a humanidade (chuva ácida, doenças, epidemia que deixa manchas na pele das pessoas, escassez de água e várias outras questões de intensa dramaticidade). O fio condutor da narrativa é muito claro e significativamente tenso, principalmente quando o protagonista sai em busca de sua filha por um caminho que não conhece bem. Em um coche com cavalos sedentos e famintos, dá carona para uma conhecida que, sem querer, dá pistas concretas sobre o paradeiro de sua filha. É curioso pensar no título do livro como uma imagem de algo quase palpável, mas que se esvai quando se aproxima.

Já *Balido do branco* tem características diferentes

de *Peixes coloridos de alto-mar*, principalmente na linguagem. *Balido do branco* é mais característico do estilo de Sandrini em outras obras. O romance, em meio a fluxos de consciência, experimentalismos formais linguísticos de extremo bom gosto e de um lirismo singular, é narrado sob várias perspectivas por vários narradores (Sandrini é especialista em Bakhtin), mas com uma importância maior para Franz, um médico bastardo criado pela mãe (filho do patrão, médico autoritário e indiferente).

Há de se considerar em *Balido do branco* a importância da linguagem poética, sinestésica, que não deixa nada esclarecido, desde as criações de porcos para a retirada de seus corações para transplante em humanos até as observações de Franz pelos campos de concentração no leste europeu. *Arbeit Macht Frei* é como um mantra que ecoa por várias passagens.

Franz, esse personagem obscuro, mas cheio de vida, perpassa por outros livros de Sandrini, como no conto “Dr. Onagro” (2003) e no romance *Osculum Obscenum* (2008). *Balido do branco* apresenta, além do lirismo, uma atmosfera nonsense, já característica de Sandrini em outros livros. O fato do autor ser um bakhtiniano ora se evidencia nas entrelinhas ora mais claramente, em ambos os romances. São narrativas consistentes feitas por um romancista (que também é professor) com muita bagagem e aparato teórico. Sandrini, contudo, não invade o terreno da ficção com jargões acadêmicos. Bom para o leitor, que não terminará nenhuma das leituras de modo indiferente.

H. P. Lovecraft (trad. Nils Skare)

Ex Oblivione

Quando os últimos dias chegaram até mim, e as feias banalidades da existência começaram a me levar à loucura como pequenas gotas de água que os torturadores deixam cair incessantemente sobre uma parte do corpo de suas vítimas, eu passei a amar o refúgio radiante do sono. Em meus sonhos encontrei um pouco da beleza que eu buscava em vão na vida, e vaguei por velhos jardins e matas encantadas.

Uma vez, quando o vento era suave e perfumado, ouvi um chamado do sul, e naveguei sem fim e langorosamente sob estrelas estranhas.

Uma vez, quando a chuva gentil caía, eu deslizei numa barcaça por uma correnteza sem sol sob a terra, até que cheguei a um outro mundo, de crepúsculo púrpura, árvores iridescentes e rosas imortais.

E, uma vez, caminhei por um vale dourado que conduzia a um arvoredado sombrio e a ruínas, e terminei num poderoso muro verde com vinhas antigas, e espiei por um pequeno portão de bronze.

Muitas vezes caminhei por aquele vale, e mais e mais eu pausava à meia-luz espectral onde as árvores gigantes se torciam e retorciam grotescamente, e o solo cinzento se estendia umidamente de tronco a tronco, às vezes revelando as pedras manchadas de mofo de templos enterrados. E sempre o objetivo de minhas fantasias eram o muro com vinhas após o pequeno portão de bronze lá.

Após algum tempo, à medida em que os dias despertos se tornavam menos e menos toleráveis com o cinza e a monotonia, eu frequentemente vagava numa paz opiácea pelo vale e pelos arvoredos sombrios, perguntando-me como eu poderia tomá-los para serem meu lugar de descanso eterno, de modos que eu não precisaria rastejar de volta para um mundo tedioso e desprovido de interesses e de novas cores. E à medida que eu olhava para o pequeno portão no muro poderoso, senti que além dele havia um país de sonho no qual, uma vez que se entrasse, não haveria retorno.

Então toda noite eu busquei encontrar o trinco escondido no portão do antigo muro coberto com vinhas, embora ele fosse muito bem escondido. E eu me diria que o reino além do muro era não apenas mais duradouro meramente, mas mais amável e radiante também.

Uma noite, na cidade de sonhos de Zakarion, encontrei um papiro amarelado repleto com os pensamentos de sábios de sonho, que habitavam naquela velha cidade, e que eram sábios demais para nascerem no mundo desperto. Ali estavam escritas muitas coisas a respeito do mundo do sonho, e entre elas estava o conhecimento de um vale dourado e de um bosquedo sagrado com templos, e um muro alto com um pequeno portão de bronze. Quando vi esse saber ali escrito, soube que roçava cenas que me assombravam, e que portanto eu havia lido muito tempo antes no papiro amarelado.

Alguns dos sábios de sonho escreviam esplendidamente sobre as maravilhas além do portão intransponível, mas outros falavam de horror e de desapontamento. Eu não sabia em quais acreditar, no entanto eu ansiava mais e mais em cruzar para sempre até a terra desconhecida; pois a dúvida e o segredo são o atrativo dos atrativos, e nenhum horror novo pode ser mais terrível do que a tortura diária da banalidade. Então, quando eu soube da droga que destrancaria o portão e me permitiria passar, resolvi tomá-la quando eu despertasse no dia seguinte.

Na noite passada, engoli a droga e flutuei em sonho até o vale dourado e o bosquedo sombrio; e quando cheguei ao muro antigo, vi que o pequeno portão de bronze estava aberto. Do além veio um brilho que iluminava estranhamente as gigantescas árvores retorcidas e os topos dos templos enterrados, e eu vaguei adiante cantando, aguardando as glórias da terra da qual eu jamais retornaria.

Mas, à medida que o portão se abria e a feitiçaria da droga e do sonho me faziam avançar, soube que todas as visões e que todas as glórias estavam no fim; pois naquele novo reino não era nem terra nem mar, mas apenas um vazio branco de espaço despovoado e ilimitado. Assim, mais feliz do que eu jamais ousei esperar que pudesse ficar, eu me dissolvi naquele infinito nativo do esquecimento de cristal para o qual o demônio da Vida havia me chamado para uma hora breve e desolada.



Carai....

20:06 - 18 de nov de 2017

20.791 Retweets **34.721** Curtidas



 521  21 mil  35 mil 